O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2007 - ANO XI - Nº 121

EDITORIAL

Neste fevereiro, "O ESTAFETA" completa dez anos de circulação ininterrupta. Manteve-se fiel aos objetivos a que se propôs: contribuir com a formação cultural de nossa comunidade e estimular ações afirmativas de cidadania. Para esse trabalho, contou com uma gama irretocável de articulistas cientes de que é preciso criar em nossa sociedade uma consciência crítica para que as mudanças desejadas pela população ocorram.

Ao longo de uma década, o Estafeta publicou, mensalmente, textos voltados para a educação, cultura, meio-ambiente, história, patrimônio arquitetônico e paisagístico... Sempre buscando provocar questionamentos e reflexões.

Grande parte de seus leitores é constituída por estudantes que o utilizam para trabalhos escolares. Dessa maneira, o Estafeta acredita estar colaborando na formação de cidadãos íntegros e de consciência crítica. É um processo gradual que precisa ser continuado, e, nesse sentido, vem cumprindo sua missão, acreditando que num futuro não muito distante haverá mudanças substanciais em nossa sociedade. Essas mudanças passam, forçosamente, pela educação. Daí a necessidade de repensar nosso sistema educacional e a qualidade de ensino ministrado aos nossos jovens.

Os recentes resultados das avaliações do ensino no país mostram sua ineficácia. Comprovam que não basta estarem matriculados todos os alunos. Isso é direito das crianças e obrigação dos governos e pais. Mas, para a economia e a cidadania isso é pouco. O essencial não é concluir a escola, mas, sim, aprender. A falta de leitura impede a população de discernir promessas eleitoreiras de possibilidades reais. A falta de capacidade crítica eleva os erros e faz do cidadão uma presa fácil dos jogos emocionais dos candidatos.

Numa avaliação dos 10 anos de "O ESTAFETA", conclui-se que este informativo está no caminho certo. É preciso, no entanto, que toda a sociedade se engaje nessa cruzada. Juntos, por meio da educação e da cultura, vamos transformar nossa sociedade.

Foto Arquivo Pró-Memória

Região próxima à nascente do Ribeirão Limeira, em área da IMBEL. A FCR, por meio de um projeto de revegetação de matas ciliares, irá recuperar áreas degradadas em suas margens.

Um projeto inédito de corredor ecológico

A Fundação Christiano Rosa (FCR) iniciará, neste ano, mais um projeto voltado à preservação do meio ambiente em Piquete. Trata-se de um trabalho de recuperação de matas ciliares na microbacia do Ribeirão Limeira.

As matas ciliares protegem os recursos hídricos e o solo, reduzindo o assoreamento dos rios e o aporte de poluentes, criam corredores favorecendo o fluxo gênico entre remanescentes florestais, fornecem alimento e abrigo para a fauna e funcionam como barreiras naturais contra a disseminação de pragas e doenças nas culturas agrícolas. Além disso, as florestas em crescimento fixam carbono e contribuem para a redução dos gases de efeito estufa responsáveis pelas mudanças climáticas.

O ineditismo desse trabalho elaborado pela FCR está na criação de um corredor ligando as nascentes do ribeirão Limeira ao rio Paraíba do Sul.

A fim de viabilizar esse projeto de Corredor Ecológico, estão sendo firmadas parcerias com instituições públicas e privadas, centros de pesquisas e universidades, além de contar com a participação de proprietários rurais das áreas cortadas pelo Limeira. A adesão ao projeto tem sido grande. Paralelamente, estarão sendo ministrados cursos de Educação Ambiental e realizados trabalhos de sensibilização da comunidade sobre a importância das matas ciliares para o equilíbrio ambiental.

Para a execução desse trabalho, a FCR conta com o financiamento do FEHIDRO e do CEIVAP para os doze primeiros hectares de mata ciliar a serem reflorestados. Já há algum tempo, um viveiro mantido pela FCR vem produzindo mudas de mais de 80 espécies, cujas sementes, colhidas na mata da IMBEL e seu entorno, serão plantadas ao longo do Limeira.

Afluente da margem esquerda do Paraíba do Sul, o ribeirão Limeira nasce na reserva de Mata Atlântica da IMBEL – uma das mais bem preservadas da região –, numa altitude de aproximadamente 900m. Corre paralelamente ao antigo leito da Estrada de Ferro Central do Brasil, por cerca de 4km ao sul de Piquete. Corta, então, a estrada Lorena – Itajubá e segue rumo ao Paraíba do Sul. Sua foz localiza-se no campus da USP - Escola de Engenharia de Lorena, antiga FAENQUIL. Essa proximidade com a faculdade motivou a professora Tereza Paiva a coordenar um projeto de Ecotoxicologia, financiado pelo CNPQ e focado em sua microbacia. Para tanto, um diagnóstico de uso e ocupação do solo será realizado em parceria com a FCR.

O Ribeirão Limeira drena 24km² em terras lorenenses, totalizando 56km² que abrangem ainda parte dos territórios de Piquete e Guaratinguetá. Seu curso total é de mais ou menos 24km. Um de seus afluentes, de muito interesse, é o Ribeirão do Ronco, assim como seu sub-afluente, o Ribeirão Fortaleza, ambos linha divisória entre os municípios de Piquete e Lorena.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

Vista do "Piquete Antigo", na década de 50 do século passado, logo após a abertura da Rodovia Lorena-Itajubá. A análise urbana leva-nos à compreensão da organização e da dinâmica da cidade, bem como da relação entre a área urbanizada e o processo social que a provocou.

Nosso "Piquete antigo"

Olhar Piquete do alto do Santo Cruzeiro é deslumbrar-se com uma das mais belas vistas da cidade. De lá, pode-se fazer uma viagem no tempo e voltar aos primórdios do antigo Bairro, Freguesia, Vila e Cidade de Piquete... Foi nas proximidades da imponente Matriz de São Miguel que a cidade nasceu, se desenvolveu e tomou novos rumos.

Como um "enternecedor presépio", Piquete cresceu às margens do caminho para Minas. Esse caminho foi um elemento intrínseco do sistema estrutural e funcional que gerou o processo de urbanização da cidade. A partir dele, traçou-se uma malha urbana viária que levou à ocupação dos espaços, abertura de largos e praças e à edificação de construções.

Revendo uma foto dos anos 50 do século XX, entendemos a organização da dinâmica e a relação entre o espaço construído e o processo social que a provocou. A geografia acidentada do relevo levou à abertura de ruas tortuosas, que foram contornando colinas, cruzando caminhos, vencendo a topografia e plantando casas. No alto, a antiga Matriz e o cemitério. À sua frente, a Praça Pio XII e algumas residências. Aos pés desse outeiro, a "rua de cima", como era conhecida a Rua Coronel José Mariano, com antigo casario e a Praça João Pessoa, atual Leonor Guimarães, local de inúmeras quermesses, com seu coreto hexagonal, onde retretas e comícios eram realizados.

Paralelo ao ribeirão Piquete, corria a artéria principal da cidade: a Rua Major Carlos Ribeiro. Era o centro social, onde residiam as tradicionais famílias piquetenses. Nela se localizava o Cine Glória, em frente ao qual uma ponte de madeira fazia a ligação com a margem direita do ribeirão, onde se localizava a Estação Ferroviária Rodrigues Alves. Esse cinema foi, por duas décadas, ponto de encontro e referência cultural dos piquetenses. Além dos filmes, foi palco de bailes carnavalescos, conferências e teatro. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, foi adaptado para servir de hospital de campanha. Após seu fechamento, foi utilizado como rinque de patinação e até fábrica de sabão Rian... Era na Carlos Ribeiro que se estabeleciam inúmeras casas comerciais, bares, vendas, lojas, sorveteria e açougue. Lá teve sede o Grêmio General Carneiro, posteriormente Clube Barba de Paca. Essa rua dava acesso ao Hotel das Palmeiras e à Praça Marechal Mallet; dela partia, também, a rua Elisa Ribeiro, por onde se chegava à Matriz de São Miguel.

Com a abertura da rodovia Lorena-Itajubá, nos primeiros anos da década de 40 daquele século, a Rua Cel. José Mariano foi cortada e o tradicional e histórico Hotel das Palmeiras demolido.

O crescimento demográfico observado em Piquete naquela época, decorrente da expansão da Fábrica Presidente Vargas, levou essa indústria a implementar um bem organizado plano de urbanização em suas terras. Foram várias as obras que acabaram por dar novo perfil à cidade: brejos foram drenados, novas ruas abertas e construíram-se vilas operárias, praças, clubes, cinema... Tais melhorias faziam parte de uma política social voltada ao operariado. Essa expansão urbana levou ao deslocamento do eixo de crescimento de Piquete, de maneira que o núcleo urbano primitivo, o "Piquete antigo", foi perdendo, aos poucos, o movimento de outrora. Com a inauguração do Cine Estrela do Norte, em 1945, e da Praça Duque de Caxias, o movimento da Major Carlos Ribeiro diminuiu ainda mais. Porém, apesar dos avanços e mudanças advindas ao longo dos anos, o "Piquete antigo" continua a ser referência na história do município.

O ESTAFETA

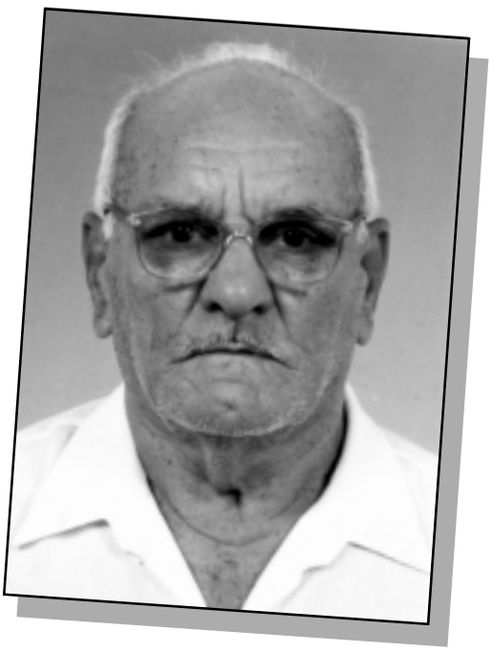
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Juca Reis



Nascido em Piquete, a 10 de outubro de 1923, no Bairro da Meia Lua, José Silva Reis é um dos dez filhos do casal de agricultores Bertholino da Silva Reis e Antônia Faustino. Viveu nessas encostas mantiqueiras até 1933, mudando-se para Piquete a fim de que o filho Juca pudesse estudar. Matriculou-se na Escola Rural Mista, no bairro do Bambu-zinho, período do qual se recorda com saudades, principalmente da professora Palmira Cunha.

Em Piquete, a família residia próximo à porteira da Fazenda São José, de Juca Brito. Lá se plantava arroz, nas várzeas do Benfica, e milho e feijão nas encostas. Em 1939, Juca Brito começou a lotear terras da fazenda. Seu Juca cita o primeiro morador da Vila Barão, do qual se lembra bem: Antônio Serafim, o "Barão".

Dos 16 aos 18 anos, antes de ir para o quartel, trabalhou como balconista na venda de Jose Cristiano. Em outubro de 1944, com 21 anos, já Cabo, pediu baixa do Exército. Nesse mesmo mês, no dia 24, foi contratado para trabalhar na FPV, no 1º Grupo, como fabricante de ácido nítrico. Aposentou-se, nessa mesma função, com 25 anos de serviço. Guarda boas recordações da Fábrica e dos colegas de trabalho – apesar das marcas de queimadura que traz no corpo.

Herdou da família a religiosidade. Contanos que, ainda menino, a família descia até "o Piquete" para os ofícios da Igreja, mas apenas nas festas mais importantes da Matriz... "A distância era muito grande!".

Com a mudança da família para a cidade, passou a freqüentar assiduamente a Matriz de São Miguel. Em 1936, como noviço, entrou para a Congregação Mariana da Matriz, cujo Diretor era o Padre Oswaldo de Barros Bindão, e o presidente, João Vieira Soares. Devido ao grande número de congregados, foi criada, em 1939, a Congregação da Vila de São José, sendo seu pai conselheiro.

Na Congregação, ocupou todos os postos. Foi secretário, presidente, tesoureiro e conselheiro. "Chegamos a contar 150 congregados...". Recorda-se de ter participado da construção da sede dos Congregados Marianos da Vila de São José. Para tanto, foi criado o Centro do Operariado Católico (COC). À frente desses trabalhos esteve o Padre Juca, "a quem Piquete deve essa grande obra", faz questão de ressaltar. A Comissão Construtora era presidida por Paulo Lódi, Juca Pinto e José Cipriano. Seu Juca Reis fazia parte da Comissão Fiscal. O prefeito da época, Luiz Vieira Soares, presidente da Congregação Mariana da Matriz, intermediou, junto ao diretor da FPV, Cel. Aquino, as pedras para a obra. Os construtores foram os próprios congregados: aos domingos, após a reunião da Congregação, era feita uma escala para o trabalho no sábado seguinte, de maneira que todos os congregados participaram ativamente da obra. O madeiramento do telhado, bem como portas e janelas, vieram do Paraná. Foram comprados por intermédio do Padre Juca, por um preço especial. Após dois anos, a sede foi inaugurada.

Em 1946, Juca Reis casou-se com Julieta Lemos e tiveram oito filhos. Há mais de cinqüenta anos reside na Vila Célia, na rua Dr. Gama Rodrigues. Quando se mudou para lá, a Vila tinha poucos moradores. Conta-nos que em frente à sua residência havia uma capela em que Seu Pedro Resende, presidente da Congregação de Menores, ministrava catecismo.

Sempre presente aos ofícios da igreja de São José, recorda-se das procissões, das sempre concorridas missões redentoristas e de todos os padres que passaram pela paróquia de São Miguel. Cita, com carinho e reverência, o padre Walter, capelão do hospital, pelo apoio que sempre deu à Congregação da Vila, participando freqüentemente das reuniões.

Extinta a Congregação da Vila de São José, devido às limitações da idade não tem participado dos encontros da Matriz de São Miguel, longe de sua casa. Mantém, vivas, no entanto, sua devoção e a fé mariana.

Congregados Marianos da Vila São José

Semeadura

Abigayl Lea da Silva

Nos dois primeiros meses de 1959, fiz um curso de férias em Campinas, SP. Dentre os passeios agendados destacou-se uma visita ao Instituto Agronômico de Campinas (IAC).

Foi o meu primeiro contato com uma casa inteiramente dedicada à pesquisa. Retornando a Piquete e cuidando do vestibular em Letras na Salesiana de Lorena, já trazia comigo parâmetros nunca dantes imaginados para a busca do conhecimento.

Houve um tempo em que as descobertas da ciência chegavam aos rincões deste país apenas nas páginas dos almanaques. Não há quem não tenha manuseado o sempre esperado Almanaque do Biotônico Fontoura (Andreato, TV Cultura, SP). Eram pílulas de conhecimento que os poucos letrados se incumbiam de passar adiante.

Do almanaque passou-se ao rádio de bateria, ao rádio de pilha, até chegar à televisão com antena parabólica e placa solar.

Hoje, o caboclo, o quilombola e o índio podem fazer consultas, aprender a plantar, a conservar a terra e a água, a escolher sementes e insumos agrícolas.

Na área da saúde, o conhecimento tem sido decisivo para a proteção da gente do interior. E, na área do direito, é grande o número dos que acordam para a cidadania.

De um lado, os institutos de pesquisa e as universidades disponibilizando o conhecimento. Do outro, o homem do interior querendo aprender. Estabelecendo o contato, o programa de televisão, que usa linguagem adequada às populações de vários graus de escolaridade.

Quando fico sabendo que a EMBRAPA salvou o milho dos índios Krahó; quando o sertanejo responde ao repórter: "quem colocou a placa solar foi o menino da universidade, não cobrou, só disse que não se pode vender ou quebrar"; quando embarcações descem e sobem os rios levando médicos, enfermeiros, oficiais de cartório e juízes – entendo que a picada aberta pelo almanaque está virando estrada.

Todas as publicações, programas de rádio e televisão que levam o conhecimento a todos os recantos deste país merecem o mais profundo respeito.

Cumprimentando dois excelentes programas que comemoram aniversário, Globo Rural (27 anos, TV Globo) e Repórter ECO (15 anos, TV Cultura, SP), expresso a todos a minha admiração.

A Força do Progresso – 5ª Parte

II - Os símbolos da idéia republicana - A iconografia na implementação do modelo

O símbolo maior da implantação do modelo republicano na construção da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, iniciada pela instalação da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, é demonstrado pela reprodução das Armas Nacionais, colocado junto às portadas principais desse edifício.

Colocado, portanto, nas duas frentes principais, tem a forma peculiar que lhe foi dada logo após a proclamação da República e na primeira década do século XX.

Representando idealmente seus propósitos, as Armas Nacionais possuem um escudo redondo central contendo as cinco estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul sobre uma estrela partida, gironada, de cnco pontas, totalizando, portanto, dez peças.

Uma coroa circunda o conjunto, composta por dois ramos laterais curvados e atados na base de uma espada em riste. O ramo da direita (à destra) representa o café frutificado, e o da esquerda (à sinistra) representa o fumo florido. No contorno geral, a estrela possui, representados artisticamente, vinte raios simbólicos da energia elétrica.

Na parte inferior desse conjunto estão dispostas faixas em arranjo artístico, com os dizeres: Estados Unidos do Brasil e Fábrica de Pólvora.

Sobre o conjunto, a estilização do barrete frígio, representante simbólico da república implantada na França, na Revolução de 1789.

Essa representação é observada originalmente em duas obras de arte: na escultura de uma mulher sentada com o barrete na cabeça, de autoria de Joseph Chinard (1756 - 1815), com o título de "A República". Encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. A outra representação é dada por uma tela pintada por Delacroix, alegoria do movimento revolucionário francês de 1779. Neste, uma figura feminina com o barrete vermelho lidera um grupo de revolucionários exaltados.

São representações dadas como emblemáticas da Razão. São formas iconográficas da racionalidade e do Positivismo, animadores da proclamação da republica, em 1889.

O registro histórico da construção está dado pela placa inaugural, na qual se lê:

"*República dos Estados Unidos do Brasil; Fábrica de Pólvora sem Fumaça; Construída no governo do Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves; Ministro da Guerra, o Marechal Francisco de Paula Argollo.; Diretor de Engenharia, o General Modestino Augusto de Assis; Chefe da Comissão Construtora: Tte. Coronel Augusto Maria Sisson 1905:1906*"

O outro registro é o da inscrição da data 1906 na pedra do arco que dá vazão ao canal escoadouro da água passada pela casa das máquinas geratrizes da força energética.

Assim, a Usina foi inaugurada num sábado, dia 15 de setembro de 1906, presentes o Ministro da Guerra, Marechal Francisco de Paula Argollo, altas patentes do Exército, representantes da Marinha e da imprensa, e de centenas de convidados.

O simbólico na perenidade

A perenidade e a solidez estão impregnadas nas paredes do edifício e na base. Estas, construídas de blocos rochosos cristalinos recolhidos do ribeirão Sertão, ao lado, têm espessura de 80cm. As paredes possuem espessura de 60cm, compostas de duas fileiras conjuntas de tijolos pesados, feitos para durar e agüentar as trepidações das máquinas ativadas.

O edifício sede da Usina, envolvido pelo conceito da tríade – terra, água e ar –, se propõe em outro jogo metafísico em que se simbolizam a Terra, o Céu e o Homem, intermediário, propostos como manifestações arquétipas, nas quais a Terra suporta e o Céu encobre – daí a disposição das linhas e arcos. Estes são somatórias, portanto, os números nas simetrias não são aleatórios, mas plenos de significação.

Enfim, parece-nos ter em cogitação a proposição do "Estado como obra de arte", enunciada por J.Burckhardt no estudo da cultura renascentista, que se tornou a gênese da política moderna, presente nessa construção. E ainda pensar no que é salientado por M. Sybira Carvalho Franco, em "A República de Platão" (Perspectiva, 2006), isto é, admitir essa política como resultado de reflexão e cálculo. Além disso, os paradigmas estão demonstrados pela iluminação figurada (idéias do Iluminismo humanista) e a expandida na forma dos raios energéticos, a combinar os sentidos da defesa, proteção e progresso. Tudo sob o controle sensível e racional pela ordem e a lucidez, como esperado pelos positivistas.

A inauguração do Memorial da Fábrica Presidente Vargas na data centenária (15 de setembro de 2006) está chancelada pela placa comemorativa das realizações conjuntas da IMBEL e do Exército Brasileiro, pela Diretoria de Assuntos Culturais e da Fundação Christiano Rosa. Prova e testemunho para abrigar a memória dos propósitos geradores que daqui enunciavam um país em mudança. As indústrias química e elétrica em consórcio com a ciência e a indústria, para iniciarem um projeto bem realizado de indústria bélica. ***Dóli de Castro Ferreira***

Educação: é hora de mudanças

Os principais veículos de comunicação do país noticiaram, com perplexidade, nas últimas semanas, reportagens baseadas nos resultados obtidos pelo Ministério da Educação das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A avaliação apresentou um cenário negativo. O desempenho coletivo dos quase três milhões de estudantes brasileiros que participaram da prova do ensino médio é o pior desde 2002.

O ENEM mede a qualidade no final do Ensino Médio, importante etapa no conjunto da escolaridade que se inicia na escola maternal e pode ir até a pós-graduação e a educação continuada, que é acrescida, a cada dia, pelo que é lido, ouvido, discutido, visto, e tudo o mais.

Os resultados do ENEM decepcionaram no Vale do Paraíba: entre 39 cidades, 29 têm suas escolas abaixo da média, o que é uma vergonha. Como pensar em crescimento e desenvolvimento do país sem educação de qualidade e boa formação dos educandos? Os países que mais se desenvolveram nas últimas décadas investiram maciçamente em educação. Estamos, portanto, na contramão da história.

Como resultado do ENEM, muitos especialistas e o próprio governo arriscam palpites, buscando respostas para o fracasso na educação pública. Esse descaso vem de há muito tempo. É hora de a sociedade reagir e cobrar das autoridades do ensino responsabilidade pelo fracasso e pelo sucateamento das escolas públicas.

Em entrevista ao jornal Valeparaibano, a Secretária da Educação do estado de São Paulo, Maria L. Vasconcelos, expôs que "O ENEM apontou-nos que as coisas não vão bem, e, se não vão bem, temos que corrigir. Precisamos intervir no ensino médio e agir rapidamente nos pontos fracos, para reverter esse quadro." Nesse mesmo jornal, um professor, indignado com a real situação da Educação, desabafa, dizendo que "muitas vezes, atribui-se tal fato tão-somente à classe dos professores. Na realidade, deve-se começar pelos dirigentes regionais de ensino, supervisores, diretores e coordenadores. Dessa categoria, sim, deveria o Estado cobrar pela vergonha por que passa nosso sistema de ensino." Afirma ainda: "A escola é a cara do diretor. Quando vemos uma escola se destacar no cenário educativo, é só procurar saber quem é o diretor e a equipe gestora dessa escola. Analise o perfil de compromisso e a dedicação dessa equipe."

Estamos no início de mais um ano letivo. É hora de reflexão por parte da sociedade sobre os rumos que deve tomar o ensino público que, na Constituição Brasileira, está claramente vinculado à formação de cidadania. ***AC***

Educação: em ritmo de carnaval

Enquanto você lê este jornal, muitas pessoas ainda vivem a euforia do Carnaval. Muitas escolas de samba e animados foliões comemoram os títulos. É Carnaval!!! A maior festa popular brasileira cumpriu mais uma vez a sua função.

Agora, imagine que, assim como no Carnaval, as escolas do Brasil participassem de um concurso com critérios rigorosamente apurados. Qualidade do ensino (o enredo). Sintonia das ações (percurso). Conjunto (direção, professores e alunos unidos no mesmo propósito). Respeito ao tempo e espaço (ritmo da aprendizagem). Integração com o público (envolvimento das famílias e comunidade). Identidade (tem clara a sua função e busca cumpri-la). Olha a passarela do ensino, aí gente!!!

No momento da premiação, a surpresa! E o prêmio de melhor escola vai para... Silêncio na platéia. Suspense no ar. Não há escola campeã. O júri se retira. Na arquibancada ficam pais e crianças. Em situação similar, cantariam os carnavalescos entusiastas: "Não deixe o samba morrer."

Os resultados da passarela do ensino foram recentemente publicados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) através do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), que apresentou um balanço nada animador das provas aplicadas em alunos de escolas públicas e privadas de todo o Brasil desde 1995. As provas avaliam o desempenho de alunos da quarta e oitava séries do Ensino Fundamental e terceiro ano do Ensino Médio.

Os dados mostram que, em notas que variam de zero a 500 e se propõem a refletir os níveis de proficiência dos estudantes, as médias nacionais continuam a cair. Em 1995, a proficiência em Português dos alunos de escolas urbanas da quarta série era de 191,75. Em 2005, o nível era de 175,52. Em Matemática, na mesma série, o nível caiu de 192,83 (1995) para 185,66 (2005). Os dados, em geral, vão nessa direção. Mas cabe lembrar que os resultados de 1995 já não eram bons, apenas são melhores do que os de hoje. Nosso samba (nossa escola) já morreu e faz tempo.

Os dados, acima de tudo, revelam um fato social importante: a escola não cumpre sua principal função que é ensinar. Inúmeros fatores colaboram para isso. Entre eles, principalmente, a falta de uma política pública séria e comprometida. A educação, que é bandeira das campanhas políticas, torna-se, depois, refém da negligência de alguns governantes. É hora de colocar o bloco na rua. Se a comissão de frente não toma uma atitude, vamos nós: pais, professores, alunos e a sociedade em geral. Vamos exigir que na escola se ensine e se aprenda mais e melhor. Para isso, algumas soluções são simples: aulas todos os dias, professores em sala bem preparados, planejamento cuidadoso e avaliação constante. Não precisamos de luxo e tampouco de fantasia. Não deixe a escola morrer!!!

Laura Cristina Chaves

****

85 anos da Semana de Arte Moderna

A Semana de Arte Moderna de 1922, realizada entre 11 e 18 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo, contou com a participação de escritores, artistas plásticos, arquitetos e músicos. O objetivo era renovar o ambiente artístico e cultural da cidade, produzindo uma arte brasileira afinada com as tendências vanguardistas da Europa, sem, contudo, perder o caráter nacional.

1922 era o ano em que o país comemorava o primeiro centenário da Independência e os jovens modernistas pretendiam redescobrir o Brasil, libertando-o das amarras que o prendiam aos padrões estrangeiros. Seria um movimento pela independência artística do Brasil.

"Abaporu" (abaixo) e "A Negra", obras de Tarsila do Amaral, um dos pilares do Modernismo brasileiro

Os jovens modernistas da Semana de 1922 negavam, antes de mais nada, o academicismo nas artes. A essa altura, estavam já influenciados esteticamente por tendências e movimentos como o Cubismo, o Expressionismo e diversas ramificações pós-impressionistas. Pretendiam utilizar tais modelos europeus, de forma consciente, para uma renovação da arte nacional, preocupados em realizá-la nitidamente brasileira, sem complexos de inferioridade em relação àquela produzida na Europa.

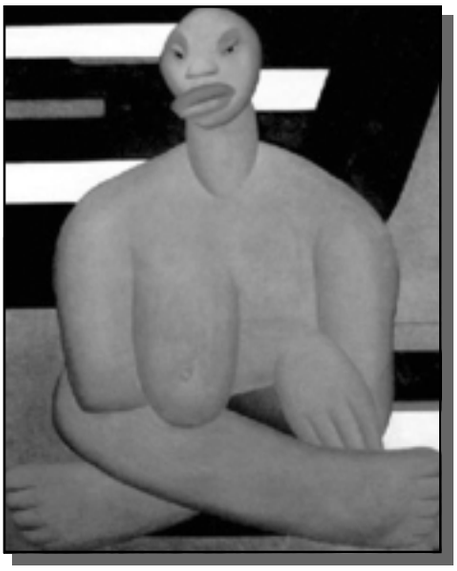
De acordo com o catálogo da mostra, participavam da Semana os seguintes artistas: Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Zina Aita, Vicente do Rego Monteiro, Ferrignac (Inácio da Costa Ferreira), Yan de Almeida Prado, John Graz, Alberto Martins Ribeiro e Oswaldo Goeldi, com pinturas e desenhos; Marcavam presença, ainda, Victor Brecheret, Hildegardo Leão Velloso e Wilhelm Haarberg, com esculturas; Antônio Garcia Moya e Georg Przyrembel, com projetos de arquitetura. Além disso, havia escritores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Sérgio Milliet, Plínio Salgado, Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Renato de Almeida, Ribeiro Couto e Guilherme de Almeida. Na música, estiveram presentes nomes consagrados, como Villa-Lobos, Guiomar Novais, Ernâni Braga e Frutuoso Viana.

Logo após a realização da Semana, alguns artistas fundamentais que dela participaram acabaram voltando para a Europa (ou indo lá pela primeira vez, no caso de Di Cavalcanti), dificultando a continuidade do processo que se iniciara. Por outro lado, outros artistas igualmente importantes chegavam após estudos no velho continente, como Tarsila do Amaral, um dos grandes pilares do Modernismo Brasileiro.

Não resta dúvida, porém, de que a Semana integrou grandes personalidades da cultura na época e pode ser considerada importante marco do Modernismo Brasileiro, com sua intenção nitidamente anti-acadêmica e introdução do país nas questões do século.

A própria tentativa de estabelecer uma arte brasileira livre da mera repetição de fórmulas européias foi de extrema importância para a cultura nacional e a iniciativa da Semana, uma das pioneiras nesse sentido.

****



Crônicas Pitorescas

Operações Fundamentais

Palmyro Masiero

Interessantes encontros casuais acontecem através desse enorme conta-gotas do tempo que pinga os dias. Na fila – grave problema é lembrar aqui fila do quê, pois existem tantas e tão diferentes, que especificar a finalidade dessa é puxar demasiado pela cabeça–, um velho professor de Matemática aposentado sentia-se incomodado pelos insistentes olhares de uma mulher, também enfileirada pouco à sua frente, que se fazia acompanhar de uma garota de uns dez anos. Embora beirando os quarenta, a madame contemplativa estava em plena beleza. Azeitada!

A bonitona volta e meia se virava e encarava o vetusto mestre. Este já se voltara para todos os lados conferindo se aquela fitação era mesmo com ele. Era... Realmente, era o alvo daqueles olhos negros que o miravam com certa dose de ansiedade. Havia muito que se sentia aposentado por completo, mas, encabulado, começou a sentir um remexer de células lá no interior da cuca, como se elas quisessem despertar de alguma hibernação ou dar seus últimos estertores sexuais, função abolida havia tempos. Nunca se viu, nem quando jovem, como um tipo atraente; imagine agora com mais de sessenta, bastante sambado! E aqueles insistentes olhares da bonitona à frente?

Seu pensamento começou a dedilhar invisíveis cordas de tempos idos, tentando arrancar alguma sonoridade do que já fora e do que restara nesse campo amoroso. Algumas lembranças eróticas entremeadas de equações e fórmulas que preencheram quase toda sua vida. Se a dona ali estivesse com interesses outros, esperaria dele o quê? Entre indagações pensantes desse naipe, volteios num tempo que longe ficou de solucionar problemas com mulheres, devaneava. E, quando se encontrava nesse "trottoir" de idéias, sentiu a fragrante bonitona ao seu lado. Assustou-se.

– Desculpe... O senhor não é o professor...?

– Sou – respondeu sobressaltado, como se tivesse sido pego em flagrante delito.

– Eu sou a Rita... Lembra-se de mim? O senhor foi meu professor de Matemática.

– Rita... Rita... Desculpe-me, mas tantos alunos passaram por nossas aulas, que lembrar de alguém, assim de repente, é difícil.

– Faz muitos anos... Quer ver o senhor se lembrar? Qual foi a aluna que o senhor disse que só saiu da quinta série depois que decorou até os problemas que dava?

– Lembro-me... Você decorou o programa, de tanta repetição...

– Isso, professor... Como vai o senhor? Que prazer em revê-lo!

A conversa desatarrachou. Ele ficou sabendo que ela tinha seis filhos e não deixou de brincar que para alguma coisa serviram suas aulas:

– Bem, pelo menos multiplicação você aprendeu – e sorriu. Ela idem.

E de mais coisas tomou conhecimento. Dois filhos tivera com o primeiro marido, do qual se desquitara; depois, um outro rebento com um angolano, com quem vivera dois anos e que se mandou pra Angola dizendo que iria vender suas terras e que voltaria para se casarem. Jamais voltou ou dera notícias. Finalmente conheceu um engenheiro por quem se apaixonou e com quem acabou se casando e tendo os três últimos filhos.

Pacientemente ouvindo a novela inteira, agora com a cabeça livre de pensamentos obtusos, distraído, virou-se para a mulher e mandou uma observação de que ela não gostou e, despedindo-se, rápida, voltou para seu lugar. Gracejando dissera-lhe:

– Pelo jeito, você não aprendeu só multiplicação. Aprendeu a dividir também.

Oswaldo Cruz (1872 - 1917)

Oswaldo Cruz é valeparaibano, nascido em São Luiz do Paraitinga, a 5 de agosto de 1872.

Médico Sanitarisa, Oswaldo Cruz foi Diretor Geral de Saúde Pública no governo de Rodrigues Alves. À época, teve como missão sanear o Rio de Janeiro dos três males que assolavam a população da então capital federal: febre amarela, peste bubônica e varíola. Por sua iniciativa, foi aprovada uma lei que tornava obrigatória a vacinação contra a varíola, mas a medida provocou a "Revolta da Vacina", que obrigou sua revogação. Seus esforços, porém, tornaram possível sua erradicação, em 1907, e Oswaldo Cruz foi premiado com uma medalha de ouro por seus trabalhos no 14º Congresso de Higiêne e Demografia, acontecido em Berlim.

Membro da Academia Brasileira de Letras, Oswaldo Cruz foi um dos mais importantes cientistas de nosso país. Faleceu há 90 anos, em 11 de agosto de 1917

Cuié de pau

Nasci gago.

Mamãe disse-me que minhas primeiras palavras balbuciadas foram quiquiqui.

Passado alguns anos, ficou confirmada minha gagueira. Como naquela época não se falava em fonoaudiólogo, fui crescendo gago e servindo de gozação aos colegas.

No jardim de infância, lembro-me de que a professora tinha especial atenção comigo, principalmente ao ensinar-me o bê-a-bá.

Certa vez, já grandinho, na varanda de casa surpreendi vovó conversando com papai:

– Norival, esse menino está cada vez mais gago; a única solução pra acabar com isso é a simpatia da "cuié" de pau.

– Como assim, mamãe?

– Numa das gavetas do armário da cozinha, onde se guardam talheres, há uma "cuié" de pau de bom tamanho; sem ele esperar, dá-lhe uma "cuiezada" na moleira, que o mesmo sara na hora e pra sempre.

Depois desse dia fiquei esperto: quando papai se encontrava em casa, eu vivia debaixo das mesas ou das camas. Levar uma "cuiezada" de pau na cuca não seria nada mole.

O tempo foi passando e a gagueira cada vez mais envolvente. Até meus irmãos tiravam sarro de mim.

Numa tardinha, vindo da escola, adentrei-me em casa, tinha esquecido por completo da conversa de vovó. Quando coloquei os pés na sala, levei uma pancada na cabeça que girei 360º em torno do meu próprio eixo. De susto e dor, berrei tão alto e prolongado, que a vizinhança correu pra rua; proferi palavras de baixo calão, sem, contudo, gaguejar. Meu pai, com a "cuié" de pau agitando na mão, saiu gritando feliz:

– Mamãe, mamãe, curei o garoto! E repetiu diversas vezes o seu contentamento.

Eu, com as mãos na cabeça, media o tamanho do galo quando vovó chegou; abrindo minha cabeleira gritou:

– Dita, Dita, traga água e sal... O galo cantou pra valer. Inocentemente, agarrando as mãos protetoras de vovó, chorando perguntei-lhe:

– Vovó, vovó, pra que tudo isso?

– Ah, meu filho, você precisava dessa "cuiezada", daqui algum tempo irá entender, seu pai lhe ama.

– Que amor, hein vovó!

Falei sem gaguejar.

Edival da Silva Castro

Acesse, leia e divulgue o informativo

"O ESTAFETA"

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

A Festa de Reis

Tradicionalmente chamados Santos, os Reis recebem do povo, na simplicidade, a reverência na imagem que os representa. Os cortejos com a bandeira percorrem caminhos como os realizados em aparição deslumbrada dos Magos. Uma estrela condutora como guia mostra-se para revelar um Menino-Deus nascido humano. Imaginada para pautar na Terra as coisas celestes.

A Folia de Reis na Tradição

A significação dos Reis Magos para a Igreja tem um sentido simbólico.

As figuras dos três Reis, dados como santos, não o sento, representam o sentido da unidade das raças frente a um Deus humanizado na figura de uma criança vinda ao mundo com uma mensagem salvífica. Afinal, no Gênesis é relatada a perda do Paraíso pelo casal Adão e Eva, submetida esta à cobiça e à vaidade pela serpente sedutora, levando o homem a render-se ao convencimento de se igualar a um ser supremo, cheio de glória. Ação fracassada.

O castigo, na forma do pecado original, trouxe como conseqüência a necessidade do suor, sangue e lágrimas para trabalhar a Terra e dela tirar a sobrevivência. Não sem a disputa entre os irmãos Caim e Abel pelos favores da mãe. Tudo consta da Bíblia como narrativa principal, permitindo ter na figura feminina da Eva, transformada depois na Mãe dos Homens, virtuosa e escolhida entre todas para ser a Imaculada Conceição, dominar o sol, a lua e as estrelas, e pisar a cobra, anulando-a.

O nascimento do Filho, Jesus, o profetizado por Isaías, e outros profetas, trazendo a salvação redentora por sua morte na cruz, anuncia uma nova era – a da cristandade. Ilumina novos tempos. Promete um paraíso eterno.

A Bíblia narra como lenda a chegada dos Magos ao local do nascimento, a estrela a dirigir seus passos e as oferendas a representar tributos, pois aos reis prestam-se essas homenagens. Peça literária descrita por Mateus, 2:1-2 através da pergunta dos Reis Magos – "Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e vimos adorá-lo". Pois dissera o profeta – "E tu Belém, terra de Judá, de modo algum és menor entre as principais cidades de Judá / porque de ti sairá um príncipe / que será pastor do meu povo, Israel". Encontraram o Menino e sua Mãe, adoraram-no e abriram seus cofres de presentes: ouro, incenso e mirra.

As Folias de Reis repetem essa narrativa como tradição – os versos cantados falam desse raconto. A comemoração relembra a visita real, as homenagens, a cortesia e, como nos pastoris, compõe-se de cantores e dançarinos para dramatizar, convencer e dar alegria ao evento.

A bandeira, as representações do imaginário do Natal, a recepção nas casas o almoço, as comidas e as bebidas são celebrações festivas do anúncio de um nascimento prometido, de um Natal, para reunir diferenças e delas tirar a unidade que a linguagem de paz quer promover.

Em Piquete, a Folia de Reis teve seus momentos gloriosos, depois esmaecidos pela voragem do tempo e os modismos da urbanização. Mas um grupo resiste, liderado por ações sociais e comunitárias empreendidas pelo Sr. José Custódio dos Santos. Mantém-se como reunião festiva anual apoiada pela Igreja Católica, a partir da igreja de São Benedito. Torna-se, assim, manifestação cultural em amálgama da fé popular, de efeito conclusivo para pessoas que expressam suas tradições de origem rural intermediadas às influências das mídias urbanas, de vias eletrônicas e sons amplificados. Nos grupos formados pela tradição, aos mestres anteriores sucumbidos pelo tempo, outros despontam, pois aos mais velhos seguem-se os jovens e as crianças no cortejo, sempre no masculino enfatizado. Para dar ao mito e à legenda o sentido do presente oferecido e para ser reconhecido perante os grandes, ou seja, os que a bandeira ostentam para alegria de quem a transporta e dos que a recebem em visita.

As Bíblias, em diferentes linguagens, sejam as de linha hebraica, modificadas para atualizar, ou as pentecostais, mantêm o mito de Reis como fórmula de reverenciamento ao Ser supremo, como Senhor reconhecido.

No mais, ao povo agrada o almoço oferecido, a música, as apresentações folclorizadas e enfáticas na idéia soberana de um Senhor vindo ao mundo em forma humana para nos salvar.

No bairro onde está instalada a Capela de São Benedito, a Festa de Reis, seguida da rememoração do batismo de Jesus, fecha o ciclo do Natal. As barreiras divisórias dos estereótipos estão marcadas, porém disfarçam-se pela música e pela alegria na pantomima dos "palhaços" no cortejo, quais soldados com espadas, em luta coreografada. Subvertem a violência e a crueldade de Herodes em mandar degolar crianças, sob a ameaça de perda do prestígio do poder maior.

Que em Piquete essa tradição não se acabe!

Enquanto isso, no cortejo, a repetição monótona do canto, por sua vez repetitivo na caixa marcadora do compasso, é de fácil apreensão. Para ser o que pretende – uma epifania, isto é, uma revelação.

À propósito desse evento, para concluir, é importante lembrar as motivações da Fundação Christiano Rosa e do nosso Informativo "O ESTAFETA" em valorizar as tradições das Festas dos Reis, do Jongo e outras manifestações culturais em 10 anos de ação completados no presente número (121). Da força de seus fundadores e mantenedores, pelo valor das tradições, a luta pela preservação do local para ser saudável, habitável e protegido da degradação, seja ambiental ou social.

Dóli de Castro Ferreira

Fraternidade e Amazônia

A Amazônia é uma das mais importantes regiões do Brasil. Abriga uma floresta equatorial com o mais rico e heterogêneo ecossistema de grandes proporções do planeta, que se estende por 5,9milhões de km², um terço das selvas remanescentes do mundo e metade da superfície da América do Sul. Mais de 40% do território nacional pertencem à floresta amazônica, onde sobrevivem 20% das espécies da Terra. São mais de 1 milhão de espécies identificadas, 6 mil só de árvores, 20 mil de plantas, 1300 de peixes e 300 de mamíferos – acredita-se que mais de 50% das espécies amazônicas ainda continuam sem classificação. Há mais espécies em 10km² da floresta amazônica do que em todo o continente europeu. Sua verdadeira importância para o planeta consiste, principalmente, no seu inestimável patrimônio genético.

Todos nós, brasileiros, nos orgulhamos dessa floresta, de sua riqueza, da abundância de água doce, dos minerais, de sua biodiversidade, sem contar a riqueza cultural de seus diversos povos. Esse patrimônio, que não pertence apenas ao povo brasileiro, mas a toda a humanidade, aponta que é grande nossa responsabilidade em preservá-la.

Assim, a Campanha da Fraternidade da CNBB deste ano tem como tema "Fraternidade e Amazônia" e como lema "Vida e missão neste chão". Propõe reflexões e ações concretas visando a contribuir para a formação das pessoas, em geral, e dos católicos, em particular, sobre a questão amazônica e suas decorrências éticas, para gerar uma nova hierarquia de valores que sirvam de base para novas atitudes e comportamentos, dando origem a um verdadeiro e fundamentado processo de conversão, realizando, assim, a grande proposta do tempo quaresmal.

****

Tolerância zero no Estado de São Paulo

O Secretário de Meio Ambiente de São Paulo, Francisco Graziano Neto, declarou, em recente entrevista que o Estado adotará uma política de tolerância zero para a gestão ambiental.

Finalmente, uma notícia auspiciosa para todos que se preocupam com o futuro do planeta. Demorou para que o governo tomasse uma atitude efetiva na resolução da problemática do meio ambiente.

O Brasil tem uma das legislações ambientais mais avançadas do mundo. No entanto, seu descumprimento, principalmente pelas autoridades, é público e notório.

Pela nova política ambiental do Estado, os municípios que não extinguirem lixões, não terminarem com o desmatamento e com a despoluição dos rios, que não cuidarem do tratamento de esgoto e recuperação de suas margens, terão suas verbas estaduais congeladas. Essa ação integra um pacote de 21 medidas que serão instituídas pela Secretária Estadual do Meio Ambiente.

"Quem ainda não leva a questão ambiental a sério deve ter tomado um susto com o relatório do Painel Intergovernamental de Mudança Climática (divulgado recentemente pela ONU - Organizações das Nações Unidas). Vamos desempenhar papel fundamental na atual administração,'' afirmou o Secretário. O congelamento de verbas abrange toda a administração pública, e não só as destinadas aos projetos ambientais. Segundo Graziano, essa ação só será possível porque a idéia conta com o apoio irrestrito do Governador José Serra. Ainda de acordo com o Secretário, os próprios prefeitos estão se mostrando solidários.

Os municípios que se enquadrarem nos projetos estratégicos da Secretária do Meio Ambiente irão ganhar o certificado ***Município Verde***. "Com esse certificado, as cidades poderão atrair investimentos privados e outros benefícios'', explicou.

Quando o mundo todo discute o aquecimento global e suas conseqüências no meio ambiente e na economia mundial, é hora de cada país, estado e município fazer a lição de casa, assumindo com responsabilidade a questão ambiental. Toda a sociedade deve se mobilizar na recuperação da degradação ambiental e se unir em prol de políticas ambientais sustentáveis geradoras de rendas, buscando proporcionar qualidade de vida a todo cidadão.

As medidas do pacote de gestão ambiental da Secretária de Meio Ambiente, veiculadas por toda a imprensa são merecedoras de aplausos e devem ser acompanhadas por todos os paulistas.

****

Lei de Crimes Ambientais

A Lei Federal nº 9605/98 é um marco no direito ambiental brasileiro e talvez seja a lei ambiental mais conhecida da população, embora pouco compreendida. Sua maior inovação é a possibilidade de responsabilizar criminalmente pessoas jurídicas. Isso significa que empresas, sociedades e até mesmo órgãos governamentais podem ser condenados criminalmente a sofrer sanções por alguma agressão ilegal ao meio ambiente, coisa que antes não era permitido, por se acreditar que apenas as pessoas físicas poderiam ser objeto de sanção penal.

Pela sistemática anterior, quando uma empresa cometia algum crime, era necessário determinar a pessoa que efetivamente tinha poder para determinar a ação e, portanto, ser punida. Agora, a própria empresa, independentemente de quem ordenou a prática da ação criminosa, poderá ser punida. Os crimes contra o meio ambiente estão divididos de acordo com os grandes temas, e abordam danos contra a fauna, flora, ordenamento urbano e patrimônio cultural, crime de poluição e contra a administração ambiental. Essa última categoria é também uma novidade da lei, pois criminaliza condutas como a do funcionário público que emite licenças ambientais em desacordo com a legislação ou que faz afirmações enganosas em processos de licenciamento ambiental, de forma que os funcionários dos órgãos de controle ambiental também podem ser responsabilizados caso ajam contra os interesses da sociedade.

****

O congnome Cidade Paisagem, muito bem atribuído a Piquete, somente se justifica com política ambiental de tolerância zero no cumprimento da legislação vigente.

Foto Arquivo Pró-Memória

"O Estafeta" e a paixão...

"Ai de quem não rasga o coração...
Esse não vai ter perdão."

A paixão por Piquete e a certeza de que a educação e a cultura são a única forma de manter o conceito de cidadania presente entre a população levaram um grupo de amigos a criar o informativo "O ESTAFETA".

Há 10 anos, em fevereiro de 1997, era lançada a primeira edição de "O ESTAFETA", órgão informativo da Fundação Christiano Rosa. Desde então, circula mensalmente pela cidade e por muitos cantões do Brasil onde há piquetenses. São muitos os que exigem recebê-lo: alegam a importância das matérias para reforço do espírito crítico e para conhecimento das tradições e da cultura de Piquete.

Alguém já disse que a paixão tem razões que a própria razão desconhece... A paixão de "O Estafeta" por Piquete não é diferente: nada justificaria o empenho em manter ativo um informativo com textos de qualidade, isento politicamente, com o objetivo principal de inculcar a cidadania nos piquetenses, senão o amor pela cidade e o altruísmo de seus idealizadores. São 10 anos de finais de semanas tomados pela editoração, intensa revisão gramatical, pesquisa permanente e busca pela melhoria contínua. Críticas há. Quando construtivas, são bem-vindas e incorporadas. Muitos colaboradores vão e vêm. Alguns foram e não voltaram... Continuam, no entanto, marcando presença...

O ESTAFETA conta a história de Piquete contextualizando-a com a atualidade... Emociona quando relembra fatos e acontecimentos no "*Imagem Memória*"... Reconhece a importância da participação dos cidadãos na busca de uma cidade melhor no "*Gente da Cidade*"... Cobra atitudes dos órgãos públicos e de autoridades no *Editorial*... Registra os acontecimentos atuais em seu "*Notas da Cidade*"... Diverte com suas "*Crônicas Pitorescas*"... Isso tudo porque acredita que, diferentemente do que dizem, não somos a cidade do "já teve", mas sim uma cidade que "pode e vai ter muito..."

Piquete contou vários informativos de qualidade. "O Estafeta" orgulha-se de fazer parte desse rol. Ao completar 10 anos, homenageia seus colaboradores e reforça seu compromisso com seus princípios, renovando suas forças na busca de uma Piquete melhor.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.